Paciência – A Vida não Para

“É preciso, em meio as dez mil imagens que seduzem responder à pergunta: o que é essencial?”

(Rubem Alves)

Guadalupe Amaral

Supervisão: Joyce Werres

O universo musical possibilita o fruir de saberes e um trabalho intuitivo com o inconsciente, de forma natural e encadeada. Misturam-se sons e palavras, entonações vocais e sentimentos, vivências e sonhos. Outros sons enchem o espaço e com eles o mundo imaginal é revisitado. Através de melodias e letras podemos adentrar o mundo interno e exercitar o simbolizar, viver a realidade da imaginação e a partir daí uma nova realidade poderá surgir. Uma vez que imagem é psique, toda a realidade psíquica pode se revelar através da imagem e assim vamos nos experimentando, nos reconhecendo.

Utilizando como exemplo a letra e música “Paciência” de Lenine e Dudu Falcão, compartilho aqui algumas reflexões que surgiram a partir de um momento onde tive o sentimento de que o mundo pensa que está devagar ao mesmo tempo que continua em um ritmo frenético.

Abaixo, a música em questão:

Paciência

Lenine e Dudu Falcão

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para

Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Finjo ter paciência

O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não para
A vida não para não

Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida é tão rara
A vida não para não

A vida é tão rara

Nesta mensagem poética, lemos que independente da desaceleração que seja pedida a vida, ela não para. O mundo cada vez acelera mais e há o incômodo de um corpo que pede mais alma, tentando lidar com essas necessidades opostas que a vida lhe apresenta.

Agora que o mundo nos desacelerou colocando-nos dentro de uma nova realidade do ponto de vista material e simbólico, desaceleramos de fato a vida?

Buscando através de um jogo de ideias e sentimentos reconhecer-me nessa nova realidade, ainda guardo com exatidão a cena de uma conversa coloquial quando em um dia quente de dezembro falávamos sobre a nova doença que havia aparecido na China. O diálogo tinha como foco a saúde coletiva e as graves questões políticas e sociais envolvidas em uma situação que mesmo já percebida como ameaça mundial, parecia estar muito longe da nossa realidade. Teorias da conspiração, hábitos alimentares questionáveis, censura a liberdade de expressão, comparações com outras epidemias: distanciados, divagávamos sobre uma realidade que iniciava a se apresentar, mas da qual pouco vivenciávamos de fato. O medo do desconhecido já não estava só nas entrelinhas, mas verbalizado, entretanto ainda com afastamento territorial e com aquele fio de esperança de que a situação poderia ser contida e não chegar ao Brasil. Assim se passaram os muitos dias seguintes até que o primeiro caso foi oficializado em nosso país. Fomos então, obrigados a assumir uma nova realidade, viver em um mundo novo, do qual na verdade já fazíamos parte, sem perceber, sem assumir, sem pensar com profundidade a respeito. Entramos em um momento de transição e sobre isso lembro da fala de Marion Woodman:

“As transições são um inferno. (...) A sabedoria destas dimensões é exatamente aquilo de que precisamos para nossa própria totalidade. Ela deixa perfeitamente claro o que é real, o que é ilusório. Desbasta camadas e mais camadas de falso orgulho. Torna-nos humanos. (WOODMANN, 2003, p.77)

A partir do momento em que foi oficializada a presença do novo coronavirus entre nós, passamos a compartilhar o estranhamento e a impotência em relação a situação exposta. Fomos convidados a aprender sobre solidariedade, rever hábitos de higiene e consumo, respeitar opiniões diferentes da nossa sobre o futuro da pandemia, sobre os rearranjos familiares e em sociedade, sobre a vida. Surgiu então a oportunidade de desenvolver capacidade de sentir e de conectar -se com o ritmo da pulsação da alma do mundo, de estar no agora, de apenas estar.

O mundo, em sua infinita diversidade foi equalizado por um vírus e com isso emergiu a percepção de que os caminhos são únicos e ao mesmo tempo invariavelmente interconectados. É nos oferecido mais um elemento impulsionador ao desenvolvimento da personalidade, mas é preciso estar aberto a esta oportunidade. Diz Jung:

“A personalidade só pode se desenvolver quando o indivíduo escolhe seu próprio caminho, conscientemente e com deliberação moral. É preciso que não só o motivo causal – necessidade – mas uma decisão moral consciente empreste a sua força ao processo de construção da personalidade. (...). Os outros caminhos são convenções de uma natureza moral, social, política, filosófica ou religiosa. O fato de as convenções sempre florescerem sob uma forma ou outra somente prova que a maioria da humanidade não escolhe o seu próprio caminho, mas sim uma convenção, desenvolvendo em consequência não a si próprio, porém um método e um modo coletivo de vida, às custas de sua totalidade.” (HOFFMAN, 2005, p.139)

É preciso muito bom senso e equilíbrio para que realmente este período da pandemia seja de significativas e positivas mudanças. Neste momento único está se apresentando a possibilidade nada remota da eclosão do melhor e do pior em nós, do melhor e do pior no mundo. Vemos pessoas sofrendo, física e psicologicamente. Vemos pessoas maltratando, física e psicologicamente. Vemos a violência aumentar. Vemos também as ações de solidariedade proliferarem de uma forma belíssima. Vemos famílias se reunindo. Sofremos com o mundo e o mundo sofre conosco. Solidarizamo-nos com o mundo e ele solidariza-se conosco. O que acontece com o planeta acontece conosco. “O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora”, está perpetuado na *Tabula Smaragdina.*

É preciso, entretanto, estar atento para a face da tecnologia que está em contato com a dinâmica do poder, do controle, para que não deixemos os sentimentos de lado, a nossa conexão com a natureza, com o simples, com o sagrado. Algo está nascendo de um aparente caos, mas tem seu tempo de gestação e um parto prematuro seria um equívoco. Não devemos apressar a natureza e ignorar a beleza e a sabedoria de estar no momento, com paciência e confiança no surgimento de uma nova e desconhecida realidade.

Ocorre que a vida não para. E enquanto a maioria das pessoas de minhas relações se encontra em isolamento social e em conexões virtuais, meus dias até este momento se dividem entre o trabalho na área médica de diagnóstico por imagem , os pacientes em terapia on line e demais demandas da formação em analista junguiana, a família e suas conexões e meus estimados e importantes projetos pessoais paralelos a vida profissional e familiar. É nesse momento que percebo que Lenine entoa nesta música aquilo que também me diz respeito, que me incomoda. Quero olhar para meu mundo interno, em minha casa, quero aproveitar esse momento para refletir, para desacelerar. Mas mesmo quando minha alma pede um pouco mais de calma, a vida não para e é preciso dar conta das demandas que ela me apresenta. Entretanto, também é fato que o trabalho “em campo” muito me ensina e me pego então surpreendida por lições valiosíssimas neste ambiente.

A partir de idas e vindas entre as cidades que trabalho, “Paciência” me acompanha e fala de meus anseios. Nas entrelinhas da música me reencontro nesta nova realidade. Esta percepção de alguma maneira inusitada me leva ao sentimento de que estamos no lugar que necessitamos para desenvolver nossas potencialidades, para aprender, para refletir, para buscar nos realizarmos por inteiro, e então me sinto grata. A vida é tão rara!

Lembro em um desses momentos que a melodia me acompanha, não só da necessidade do “o obscuro pelo mais obscuro, o desconhecido pelo mais desconhecido” e suas correlações com a pandemia, mas também de Ananke, de alguma forma sempre presente em nossas vidas e agora mais do que nunca, até mesmo podendo pensar o quanto ela se apresenta ao mundo coletivo e individual como uma forma que conter a fúria titânica. Penso o quanto tudo que aconteceu pode ser também correlacionado a uma *hybris* coletiva (e individual, segundo a máxima alquímica acima citada). Em seguida vejo a sombra do mundo, a “Umbra Mundis” comentada por Murray Stein aparecer em minhas divagações e ao mesmo tempo recordo que é nesse jogo de luz e sombra que devemos aprender a nos locomover. É também a ele que meu pensamento se direciona quando concordo com o que Murray falou a Robert Henderson em sua entrevista, que “nunca o mundo ficou tão sem palavras.” (4)

Sem palavras, sem certezas, sem controle. O poder e o desejo do controle! Poder, dinheiro, ciência, intelecto, razão: todos aprendendo sobre o que é ser humano. E não é isso que Jung diz que nos falta em alguma instância? “Queremos ter certezas e não dúvidas, resultados e não experiências, mas nem mesmo percebemos que as certezas só podem surgir através das dúvidas e os resultados através da experiência.” (HOFFMAN, 2005, p.252)

Jung nos chama a atenção para o sentido de situações que se impõem em nossa vida e a importância destes no processo de individuação:

“Sem a necessidade nada se move, a personalidade humana menos do que qualquer coisa. Ela é tremendamente conservadora, para não dizer entorpecida. Somente a necessidade aguda é capaz de despertá-la. A personalidade em desenvolvimento não obedece a nenhum capricho, a nenhum discernimento, apenas a pura necessidade, à força motivadora da fatalidade interna ou externa (JUNG, 2013, §293)

Há um lado muito positivo nesta situação, onde a humildade e a reflexão devem estar à frente, nesta oportunidade de crescimento social, psicológico, espiritual.

Este período está sendo visto, acertadamente, como uma singular oportunidade de ficarmos em nossa casa interior, visitarmos nossos mundos internos desconhecidos, conhecer essas outras personalidades que nos habitam, rever conceitos, valorizar a natureza, as relações familiares, o indivíduo e o mundo relacional. Mas para onde estamos indo enquanto coletividade? Após um início mais silencioso, intimista, agora por vezes me parece que todo o excesso, ao invés de ser olhado e ressignificado, foi transportado para o mundo virtual. *Lives*, palestras, cursos, aulas, compras, mais compras, mais aulas, mais *lives*, workshops. Como já dizia Cazuza “Eu vejo o futuro repetir o passado, em vejo um museu de grandes novidades.” Isso me causa um desassossego e me faz pensar se existe esta percepção, pois com certeza a conexão e o mundo relacional são de total importância, mas estará sendo respeitado o limite entre o necessário e o excesso? Estaremos respeitando, individual e/ou coletivamente Kairós ou submetidos a Chronos?

James Hillman fala que

“O Tempo e a Necessidade estabelecem limites a todas as possibilidades da nossa expansão exterior, às nossas conquistas materiais. Formam juntos uma sizígia, um par arquetípico, inerentemente relacionado, de sorte que, onde estiver um, estará também o outro ...Estar livre do tempo é estar livre da necessidade.” (HILLMAN, 1992, p.16).

Por ser tão rara, tão sábia, a vida nos coloca ao mesmo tempo no mesmo lugar e em diferentes lugares. Todos em contato com a mesma pandemia, entretanto a cada um segundo suas necessidades de aprendizado. Percebo então que quando o corpo pede um pouco mais de alma esse desejo pode ser acolhido tanto na rotina de um dia a dia em um hospital como de um dia a dia em regime de isolamento social. Lembro a importância do entendimento do que significa a *Imitativo Christi* e das palavras de Sêneca: “Podes fugir dos outros, mas não de ti mesmo”. O comprometimento com a nossa vida, com a nossa história, como diz a bela passagem de Jung, falando sobre carregar a nossa cruz:

“Isso talvez pareça muito simples. Mas o que é simples em geral é sempre o mais difícil. De fato, a simplicidade constitui a arte suprema e assim a aceitação de si mesmo é a essência do problema moral e o centro de toda uma concepção do mundo. Que eu faça um mendigo sentar a minha mesa, que eu perdoe aquele que me ofende e me esforce por amar, inclusive o meu inimigo, em nome de Cristo, tudo isso não deixa de ser uma grande virtude O que faço ao menor dos meus irmãos é ao próprio Cristo que faço. Mas o que acontecerá, se descubro, porventura, que o menor, o mais miserável de todos, o mais pobre dos mendigos, o mais insolente dos meus caluniadores, o meu inimigo, reside dentro de mim, sou eu mesmo, e precisa da esmola da minha bondade, e que eu mesmo sou o inimigo que é necessário amar? Assistimos aqui a inversão total da verdade cristã, pois já não temos mais amor nem paciência e somos nós próprios a dizer ao irmão que está dentro de nós: “Racca!”, condenando-nos dessa forma, a nós próprios e irando-nos contra nós mesmos. Exteriormente, dissimulamos aquilo de que somos feitos e negamos categoricamente haver encontrado a nossa frente esse miserável que habita dentro de nós, e mesmo que o próprio Deus tivesse se aproximado de nós, oculto sobre estes traços repugnantes, nós o teríamos rejeitado milhares de vezes, muito antes que o galo cantasse. Imitar a vida de Cristo não é coisa fácil, mas é indiscutível mais difícil viver a própria vida no espírito em que Cristo viveu a sua.” (JUNG, 2013a §520)

Entre melodias, citações e imagens sigo então procurando viver aquilo que o momento pede. Mas essa é a minha história.... naquele momento...lembro então de uma passagem de Jung onde ele diz que “todo exemplo tem a característica de ser significativo e impressionante só para o indivíduo que o vive, subjetivamente. Por isso aconselho meus pacientes a não serem ingênuos acreditando que aquilo que tem para eles uma grande importância a tenha também para os outros, de modo objetivo” (JUNG, 2013b §362).

Ainda temos uma longa estrada neste novo caminho. Sigo tentando aprender com Jung que se eu buscar meu autoconhecimento e honrar meu processo de individuação já estarei contribuindo com a melhora no mundo. Percebo a importância de seguir esse caminho estando no mundo, mas não fusionada a ele e lembro novamente desse grande professor que diz que da vida não basta beber um gole, devemos sorver até a última gota. Então aumento o som e fico feliz ao perceber que a paciência não é mais para mim um fingimento mesmo que inconsciente e necessário, como sugere a música, mas um recente e grato aprendizado com o qual os últimos anos me brindaram. A vida é mesmo tão rara!

Referencial bibliográfico

1. FISCHHOFF, B – Making Decisions in a COVID-19 World – Viewpoint – JAMA – Journal of the American Medical Association –– Published online June 4, 2020
2. WOODMAN, Marion. A Feminilidade Consciente. São Paulo: Paulus, 2003.
3. HOFFMAN, Eduard (organizador) – A Sabedoria de Carl Gustav Jung – São Paulo, Editora Palas Athena, 2005
4. HENDERSON, Robert. – Una Sombra Mundial: COVID19. Una entrevista con Murray Stein. Disponível em: <https://porunbuencamino.blogspot.com/2020/04/una-sombra-mundial-covid-19-una.html>, acessado em 04 de abril de 2020.
5. HILLMAN, James. Sobre a Necessidade de uma Psicologia do Comportamento Anormal: Ananke e Atena, in Encarando os Deuses, São Paulo, Editora Cultrix, 1992
6. JUNG, Carl Gustav. A Vida Simbólica. O.C. volume XVIII/I, Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
7. \_\_\_\_\_\_ Escritos Diversos. O.C. volume XI/VI. Petrópolis: Editora Vozes, 2013a
8. \_\_\_\_\_\_. Aion.- Estudo Sobre o Simbolismo do Si-mesmo O.C. volume IX/II , Petrópolis: Editora Vozes, 2013b
9. \_\_\_\_\_\_. A Natureza da Psique. O.C. volume VIII/II, Petrópolis: Editora Vozes,

2013c

1. \_\_\_\_\_\_. Psicologia e Alquimia. O.C. volume XII, Petrópolis: Editora Vozes,

2013d